Rio de Janeiro, Junho de 1958 — ANO 13 — N.º 127

AÇÃO DIRETA

> Ação direta é hoje, após duas guerras desenganadoras, o caminho, indicado desde muito e agora confirmado, de levar os expoliados de tudo à reivindicação do que é seu.
>
> José Oiticica

Diretor: SÔNIA OITICICA — Diretor-Fundador: JOSÉ OITICICA — Administrador: IDEAL PERES

Redação:
Avenida 13 de Maio, 23 — 9.º andar — Sala 922
Caixa Postal, 1 — Agência da LAPA — RIO DE JANEIRO

MENSÁRIO ANARQUISTA
Registro SI/P — 214 de 8-3-1946

AVULSO: CR$ 2,00
Assinatura anual ..... Cr$ 50,00
Pacotes (12 exemplares) ..... Cr$ 20,00

Sociedade Criminosa

Ostentação de riquezas entre desordens, misérias e crimes

Nova Exibição da Farsa Eleitoral

Mais uma vez a erva má, produto da sociedade atual corrompida até a medula, surgiu no campo fértil e produtor do honrado trabalhador. Referimo-nos aos políticos de todos os partidos, que tão descarada e cìnicamente mentem aos trabalhadores.

Vivemos momentos de péssimos e maus pastores, numa era política em que, com umas tantas palavras e frases bonitas engana-se ao povo na sua bôa fé humana e generosa. Vivemos numa bancarrota moral que transborda o limíte da canalhice: os políticos tudo adulteram, tudo desvirtuam, tudo metamorfoseiam à bem de suas conveniências, e o pior de tudo é que nesta negação nefasta não se salva o proletariado, que, do terreno da ação diréta, organizado, assim, em potentes sindicatos, com os quais sabia impôr seu respeito ante a exploração capitalista, infelizmente caiu num reformismo degradante, que o deixa impossibilitado para a luta em defesa de seus legítimos interêsses, entregando-se, amarrado de pés e mãos, ao Estado, através da sindicalização forçada, com os sindicatos orientados por profissionais da política, sem escrúpulos, que apenas visam seus interêsses particulares sem ferir, no mais mínimo, os interêsses capitalistas. Isso é alguma coisa que fére profundamente a dignidade revolucionária do passado do trabalhador.

Nestes momentos de profundo mal-estar social, moral e econômico do povo em geral, de torpe política partidária pró capitalista, de reclamações operáris insatisfeitas, e pela mesquinha disputa do poder governativo, é oportuno lembrar aos trabalhadores que sofrem diretamente as consequências desta péssima organização social, que tôdas as plataformas, de todos os partidos políticos e, muito principalmente, do tal partido "comunista", não são mais que um meio de canalização para o virus demagógico e totalitário de que se servem os políticos de todos os matizes para uma vez mais iludir os trabalhadores.

Estamos no limiar da nova farça eleitoral, as "cotorras" da política começam a se movimentar com novas promessas, com novas mentiras, prometendo mundos e fundos que êles de antemão sabem qne não se podem efetivar. Em épocas de eleições todos os partidos políticos se mancomunam para assim tirarem maior proveito da ignorância do povo, que ainda parece não chegou a compreender essa farça eleitoral. Todos vão de mãos dadas: integralistas, socialistas, comunistas, republicanos, nacionalistas, etc. etc., todos se atirando como corvos famintos, em cima do povo, cada qual disputando o maior pedaço. Todos aparecem com a mesma chapa de sempre: promessas, melhoramentos, um mundo de coisas para o bem do povo e, uma vez eleitos, não mais se lembram dos operários, passando a legislar em causa própria, aumentando em cento por cento seus próprios honorários de parasitas e, ainda, se se lembram do povo, é para sancionar leis draconianas que o impossibilte de defender seus direitos e deixá-lo mais sujeito ao carro do Estado.

Está na hora do trabalhador refletir e acabar de uma vez por tôdas com tanta grosseria, com tanta mentira dêsses políticos indesejaveis, que com tamanho cinismo prometem e mentem. Os trabalhadores nada podem esperar de quaisquer partidos, e o exemplo típico nos estão dando os chamados chefes do Integralismo e do "Comunismo": ontem eram inimigos irreconciliáveis e hoje vem de mãos dadas às eleições, cumprimentando-se com tanta cortesia. O Cavaleiro da Esperança converteu-se no cavaleiro da triste e ridícula figura. E tu, trabalhador, permites, impassível, aos políticos fazerem seus conchavos e vais, uma vez mais, contribuir para essa farça e eleger aquêles que são teus próprios inimigos. Acorda, trabalhador! Não deposites teu caráter, tua dignidade em um voto, e em vez de votar nêsses energúmenos aplica-lhes um ponta-pé. Não é votando nêsses sugadores da política que os trabalhadores defenderão seus direitos. Sómente unificando seus esfôrços em fortes sindicatos, dando vida ao sindicalismo de ação diréta é que acabarão com a Sociedade Capitalista e com tôdas as ditaduras, amarelas e vermelhas, geradoras de tôdas as injustiças sociais.

Rota Anarquista

Por J. TATO LOURENÇO

A humanidade enfrenta duas rotas distintas e opostas, sempre. Uma é de inovação, progresso, avanço e rebeldias. Outra é de conservação, de estabilidade, quando não de retrocesso. A primeira estende as suas vistas para o alto, para o dia de amanhã, para mais além dos estreitos marcos, para bem acima do círculo de montanhas que fecha, com a sua imponência e escabrosidade, os horizontes. A segunda é o cêrco, o materialismo presente, a desordenada ordem do Estado, a mentira secular da Igreja, a exploração capitalista ou comunista, a violência, a desigualdade, a prepotência, a propriedade com suas seqüências de privilégios para alguns e de misérias e opressão para a grande maioria; é o crime do mando e da obediência, é o crime do conflito e da guerra.

Um caminho é a organização do trabalho, da cultura, da ciência e da arte, numa linha de retidão e de equidade, de bem para todos, de liberdade consciente e de bem-estar geral. Outro, nem senda é sequer: é a permanência, o equilíbrio forçado, a sociedade baseada na imposição firmada e ordenada sôbre quartéis e cárceres, sôbre armas, polícias e soldados, autoridades, juizes, sacerdotes, tôda a fauna e flora da ignorância, do egoismo e da maldade.

Um caminho é o da economia idealista, que combina as necessidades de todos com o trabalho de todos, cultiva o amor fraternal e dá asas à cooperação e à solidariedade num exercício harmônico do apôio mútuo e tudo, com consciência clara, precisa, concreta, de vida idealista. Outro é como campo fechado e lamacento, limitado por atoleiros, no qual o homem deve girar no mesmo lugar e deixar-se estar com a fixidade da âncora no fundo do mar. O lado positivo da humanidade é deslizar para o amanhã, é ter desejos, é lutar e trabalhar por um viver novo, transcendente e ditoso.

Liberdade e autoridade se opõem, esbarram-se, jamais conviverão harmoniosamente. Distintos lhes são os componentes básicos e os meios com que se manifestam no viver. Com liberdade, harmoniza a fraternidade, a igualdade, a justiça. E' a ética na sua mais nobre expressão, é a lei natural e o direito humano: — é a beleza. Com a autoridade só nascem os monstros do despotismo, das torturas, das cadeias, tudo o que se opõe aos fins da liberdade. Autoridade é miséria, é guerra, é morte em lugar de vida, é desordem em lugar de órdem, é sofrimento em lugar de ventura.

O idealismo da liberdade inclui o cultivo dos sentimentos e o progresso do espírito. O princípio da autoridade é a negação idealista, é o cego, injusto e inadequado materialismo.

O caminho da liberdade é a anarquia, uma convivência harmoniosa dos sêres humanos, com trabalho de todos e para benefício e bem-estar de todos.

A anarquia é a vida sem amos, sem chefes, sem autoridades, sem opressões nem explorações. E' a ordem cósmica. A terra que, com o sol e com o ar, constitui os elementos básicos para a vida aberta ao esfôrço de quem a fecunde com a semente depositada nos sulcos regados com suor, nos quais logo colherão a flor e o fruto, oriundos do trabalho solidário e igualitário.

A anarquia é o mais alto e belo ideal humano a caminho da aurora, na estrada do porvir da humanidade.

Este é o quadro da sociedade atual

Percorrendo o noticiário de nossa imprensa «sadia», depara-se com os mais revoltantes crimes que, por motivos vários, se praticam em nossa metrópole, estarrecendo a todos que possuam um mínimo de respeito pela vida de seu semelhante.

Existem alguns jornais especializados em divulgar tôdas as atrocidades cometidas, com luxo lúgubre de minúncias e farta ilustração fotográfica.

Detendo-nos a pensar sobre os motivos de tais crimes chegamos à conclusão de que os mesmos representam um retrato fiel desta sociedade criminosa, na qual impera a mais completa desorganização motivada pela mentalidade retrógrada dos que se arvoram em líderes e senhores do mundo.

Numa sociedade, na qual um educador percebe um salário de fome e que para se manter necessita de dois ou três emprêgos; na qual os pais lutam com a tragédia da falta de escolas, pois as verbas arrecadadas à coletividade destinam-se, preferivelmente, à luxuria dos palacios, a manter uma força armada improdutiva, e uma engrenagem burocratica onde os políticos só pensam em Cadillacs e no egocentrismo de aparecerem como os «maiores», não se pode esperar nada melhor.

Não poderia ser outro o estado de decomposição de um meio social que não possui o mínimo de formação humana. E não poderia ser outro o noticiário de nossa imprensa que sem o propósito de retratar fielmente a sociedade em que vivemos, o faz, entretanto, por motivos mórbidos de seus dirigentes, os quais são verdadeiros abutres na caça diária de notícias que sirvam para ilustrar seus pasquins.

Resta-nos, portanto, apelar para o povo, para aquêles que possuem um sentimento humano, na esperança de podermos reagir contra o vandalismo imperante.

O momento se nos afigura oportuno; aproximam-se novas eleições e, naturalmente, as sereias voltarão a cantar suas virtudes, deveremos responder-lhes não com o voto em favor de parasitas, numa demonstração de repúdio, responsabilizado-os por todos os crimes de que são realmente os únicos culpados, mas com a ação direta em tôdas as manifestações da vida pública e, principalmente, nos setores das lutas pelas reivindicações proletárias.

Viva a Liberdade!

O POVO DE PORTUGAL EM LUTA CONTRA A DITADURA

"Viva a Liberdade!" — grita pelas ruas de Lisboa e do Porto a parte viva do povo português. E pela liberdade tombam os valentes que reivindicam nas plagas lusas o direito a uma vida livre dos grilhões da ditadura clerico-fascista do jesuita Salazar e de Cerejeira, representante do imperialismo ultramontano.

A reação que tiraniza, há anos, o brioso povo de tão belas tradições de lutas reivindicatórias, ainda resiste, baseada no conluio dos elementos do capitalismo, da clericanalha e dos fascistas das fôrças armadas.

Resiste — mas, certamente, não será por muito tempo, como fazem esperar os sangrentos acontecimentos provocados pela farsa eleitoral com que a ditadura tenta iludir a opinião pública internacional.

O povo português ha-de vencer a tirania, porque ama a liberdade e por ela sabe lutar e morrer.

E com êle, numa manifestação integral de nossa simpatia e solidariedade, bradamos: Viva a liberdade!

Biblioteca-Arquivo Internacional Anarquista

Com esta denominação, existe em Montevidéo, Uruguai, uma útil organização cultural de nosso movimento, orientada pelo libertário rumeno, ali domiciliado, Eugenio Regis, escritor de reconhecido valor internacional, pelas numerosas obras que já publicou.

Merece, pois, ajuda para vencer as dificuldades econômicas com que presentemente está lutando.

Semeando Pensamentos

O homem não é capaz de criar um gusano; porém, é capaz de criar dezenas de deuses. — MONTAIGNE;

—::—

O amor, o trabalho e o conhecimento são as fontes de nossa vida; êles devem, portanto, governá-la. — DR. WILHELM REICH;

—::—

Não é o povo que faz a guerra, é o Estado. O povo limita-se ao papel de máquina, de carne sofredora e bode expiatório. — MONTEIRO LOBATO.

Terror bolchevista na Bulgária

A União dos Anarquistas Bulgaros no Exilio, com séde em Paris, enviou a tôdas as organizações libertárias do mundo uma informação sôbre a perseguição que, há anos, vem sendo exercida pelos «comunistas» dominadores da Bulgaria contra os elementos anarquistas daquele país.

Valendo-se das fôrças que lhes fornece o Estado ditatorial, o Partido «Comunista» da Pulgaria, desde que se apóssou do poder vem movendo guerra sem treguas ao movimento anarquista, que tinha grande atuação na vida pública Bulgara.

As organizações anarquistas e operárias orientadas pelos nossos elementos foram fechadas, a imprensa libertária e obreira foi extinta, os nossos militantes mais conhecidos, desde então, estão sendo perseguidos, metidos nas prisões e em campos de concentração, tendo muitos deles, de grande valor, sucumbido em consequência dessa reação bolchevista.

Ainda recentemente, sucumbiu na prisão de Slivem, naquele país, o valoroso militante anarquista Manoel Vasbex, a quem se refere Federica Montseny, em seu belo trabalho aparecido neste número.

Ha muitos outros militantes libertários nas prisões bolchevistas bulragas.

Esse infame procedimento dos que se dizem comunistas provoca naturalmente o nosso protesto, que transmitimos aos asseclas da grei «comunista» que aqui vivem a iludir a classe trabalhadora.

Façam todos a mesma coisa.

unesp Cedap Centro de Documentação e Apoio à Pesquisa Faculdade de Ciências e Letras de Assis

Martirológio da Inteligência

A propósito do sacrifício do militante anarquista Manol Vassev, numa prisão da Bulgária

Por FEDERICA MONTSENY

Sócrates bebendo cicuta; Hipatia lapidada; Galileu no suplício; Giordano Bruno e Servet na fogueira, sacrificados por duas intolerâncias antagônicas, unidas no fundo pelo mesmo ódio ao homem e o mesmo terror à inteligência; Lavoisier e Condorcet guilhotinados, vítimas do mesmo princípio feroz: a Revolução não necessita de sábios; o mesmo terrível fenômeno: a perseguição e o sacrifício da personalidade humana e da consciência livre, imoladas a uns interêsses coletivos que não são, muitas vêzes, mais que interêsses individuais sustentados e cimentados sob o mito coletivo; Ferrer, fusilado por intentar renovar a pedagogia espanhola; Landauer assassinado por multidões fanatisadas; Jaurés, Carlos Liebnecht e Rosa Luxemburgo imolados pela loucura patriótica e guerreira das massas idiotizadas pelo rumor das charangas e pelas grandes frases ocas, vasias de todo o conteúdo humano; Erich Müsham lentamente sacrificado pelo nazismo; Garcia Lorca fuzilado pelo crime de haver escrito um romance; Carlos Rahola e Brunswig supliciados por haver praticado, austera e nobremente, o exercício da inteligência...

Todos vitimas do Poder, detentado através da história, por homens e por ideologias múltiplas. Todos constituindo êsse martirológio da inteligência que, desde a antiguidade mais remota, chega até nossos dias agregando a êle, cada dia, novos mártires, novos homens ilustres, tornados mais augustos pelo próprio suplício.

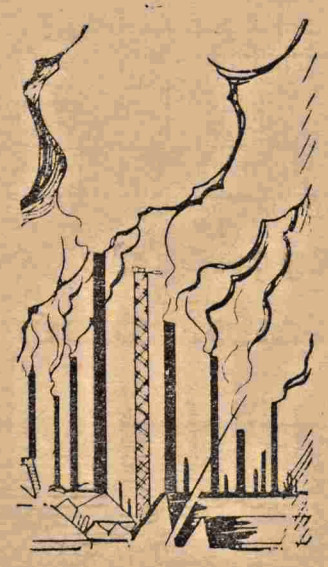
À interminável lista temos que agregar outro nome: o de Petrow, o poeta e escritor búlgaro que acaba de ser fuzilado por suposta "inteligência com o inimigo". Com que inimigo? Com o inimigo impessoal, difuso de tôda ditadura, de todo regime de terror e escárnio dos direitos e da dignidade humana?

Êsse foi o crime de Petrow, que nenhuma ditadura perdoa. Lenine, atravessando tôda Alemanha em um trem blindado pôsto a serviço pela polícia do Kaiser, para se introduzir na Rússia e obter a paz de Brest-Litowski, não foi julgado em "inteligência com o inimigo", porque se erigiu em ditador e impôs sua lei e vontade à Rússia.

Petrow, empunhando sua pena de homem livre, não se submetendo aos amos da martirizada Bulgária, recolhendo a herança de Cristo Boteff e de todos os lutadores pela liberdade do povo búlgaro, vencido nessa luta grandiosa e desigual do homem contra o Poder, foi sacrificado.

Um nome a mais para agregar à interminável lista: ao lado das vítimas da barbárie nazi, do ódio à inteligência de todos os ditadores negros, temos que agregar os nomes de tôdas as vítimas dos ditadores vermelhos: centenas de escritores, poetas, de homens de pensamento e de carreira, mortos no fundo das ergástulas da G. P. U. ou simplesmente eliminados pelo procedimento sumário utilizado com Nim, com Bernérie, com o próprio Trotzki.

A Revolução não necessita de sábios — declarou friamente Saint Just — ao pedir e obter a morte para



Lavoisier. O espírito crítico é um estorvo e um perigo em todo periodo revolucionário — declarou Lenine em diversas ocasiões.

E' a teoria do fim supremo, a nova e monstruosa religião do Estado totalitário, a divisa comum a todos os fascismos, brancos ou vermelhos: os chefes não se equivocam jamais; a liberdade não serve para nada, justifica e cobre mais um crime.

Servet marchando para o suplício; André Chenier subindo os degrau do cadafalso; Rizal legando seu testamento poético ao mundo, antes de cair sacrificado pela barbárie militar e clerical de Espanha; a multidão de filósofos, pensadores, de escritores, de homens de ciência, sacrificados em massa na Rússia e na Alemanha nos anos que vão de 1917 a 1947; o nome augusto de Berneri agregado e destacado no trágico e emocionante conjunto; os de Puente, e Acim, e Garcia Lorca, e Rahola, e Zugazagoitia; o do filósofo Brunswig e essa terrível tragédia de Victor Basch e de sua espôsa, octogenários, assassinados a tiros pelos esbirros da Milícia; agora êste sacrifício de Petrow, tudo isso constitui ante nossa consciência, em nosso ânimo, frente ao espetáculo do mundo absorvido pela ruim batalha cotidiana, pelo mais baixo e vil, uma espécie de humanidade aparte, de história verdadeira e ao mesmo tempo irreal, de sêres colocados acima da humanidade pelos avatares de suas próprias vidas.

Todos reunidos, somados fraternalmente, irmanados e aproximados pelo sacrifício idêntico, pela idêntica significação do mesmo, constituem um santoral novo: a que fica reduzido o martirológio cristão junto a êste dilatado, a êste infinito, a êste impressionante martirológio da inteligênncia universal imolado ao mesmo Moloch monstruoso?

Sôbre o frontispício da Universidade de Cervera lê-se o dístico famoso: **Deus nos livre do pecado de pensar.** E o pensamento continua sendo pecado: Pecado em João Huss, pecado em Anacharsis Clootzs, pecado em Müsham, pecado em Petrow.

Os católicos mataram João Huss; os calvinistas queimaram Servet; os revolucionários guilhotaram a própria Revolução em Clootzs, em Babeuf; Staline sacrificaria o próprio Lenine se êste não houvesse morrido oportunamente; os comunistas búlgaros suprimiram Petrow. Tôda fôrça ideal ou política ao converter-se em Poder, representa os mesmos interêsses inhumanos e sanguinários, o mesmo feroz princípio de despotismo, a mesma eterna pugna contra a personalidade humana até sacrificá-la.

E o homem só, não é o mais forte. Ibsen se equivocou. O homem só, é eternamente sacrificado e devorado pelo Poder. O homem só, morre solitàriamente, grande e incompreendido sempre.

O que cabe é criar uma fôrça coletiva de oposição e resistência, de combate e de defesa contra êsse monstruoso mito coletivo do Estado anti-social e inhumano sempre... Evitando que essa nova fôrça não seja amanhã um novo princípio de Poder, um novo interêsse criado e cimentado em um novo mito coletivo e sacrificado por sua vez ao espírito crítico, ao direito individual e à personalidade.

O homem sòzinho não pode ser, não será jamais, nem forte, nem livre. É da soma harmoniosa de tôdas as fôrças e de tôdas as liberdades individuais em uma comunidade universal de direitos e de interêsses morais, como surgirá o equilíbrio, como se formará a grande corrente, irresistível, mais forte que a fôrça cega e brutal do Poder, vencedora a postre no largo e sagrento combate entre liberdade e autoridade, entre o Homem como símbolo e síntese da Humanidade, e o Estado, fôrça constantemente destinada, em razão de sua própria função e de sua existência, a limitar, impedir e obstar o livre e harmonioso desenvolvimento das soceidades humanas.

A vida de padre deve ser muito boa...

Em dias do mês de julho, um sentenciado da Penitenciária do Distrito Federal fantasiou-se de frade e saiu normalmente à conquista da liberdade que todos nós desejamos gozar amplamente.

Dirigindo-se a São Paulo, alí hospedou-se num dos mais luxuosos hotéis da capital bandeirante. Durou pouco a sua alegria.

Falando aos jornalistas presentes à Delegacia de Roubos e Defraudações, momentos depois de sua captura, o ladrão declarou que pretendia viajar para Dakar (passando, antes, por Natal) onde viveria o resto de seus dias como padre, já que tinha sido tão bem sucedido em sua fuga da cadeia do Rio de Janeiro, tendo conseguido ludibriar os guardas, que o confundiram com o capelão do presidio.

O fugitivo, que tem um parente religioso, deve estar bem informado a respeito da vida que gozam os vigários de Cristo na Terra. Tanto assim que fugiu vestido de frade e pretendia continuar a vida usando a mesma fantasia. Em outras terras, é claro, mas com as garantias que a batina concede aos que nela se ocultam...

Forças Armadas Tornam-se Obsoletas

Por JORGE BALLESTEROS

Apesar da inflação de notícias sôbre o lançamento dos satélites russos e as experiências norte-americanas com foguetes, nenhum comentário registra a imprensa mundial que responda aos imperialismos em pugna, sôbre as conseqüências mais transcendentais do recém-iniciado domínio do espaço: a caducidade dos exércitos, marinhas de guerra e aviação militar em todo o âmbito político do planeta. Efetivamente, ante uma bomba atômica ou de hidrogênio lançada de uma estação espacial ou de um satélite ou mediante um foguete que viaja na estratosfera, não há defesa, nem contraataque possível usando os meios convencionáis de combate, interceptação ou defesa. Únicamente poderia enfrentar-se uma agressão semelhante, recorrendo a idêntico bombardeio especial, o que suporia pràticamente a destruição mútua dos principais antagonistas e a desaparição trágica da civilização contemporânea, possibilidade que nenhum dirigente político ignora, de um e de outro lado da cortina de ferro. Quiçá influa sôbre o agressor potencial uma evidente superioridade tecnológica e científica, e tanto russos como norte-americanos procuram alcançar, com maior afinco por parte dêstes ultimos, após a vantagem obtida pelos satélites soviéticos. Porém, no futuro, contarão cada vez menos e finalmente nada influenciarão, na luta mundial pelo poder, as fôrças militares pròpriamente ditas, fiscalizadas por oficiais profissionais que fazem da guerra seu ofício e da morte a razão de sua existência. As castas militares, seja qual fôr o signo político sob o qual medram, significam para as comunidades que as mantém, uma carga improdutiva ancestral, arrastada desde a época da tribo e desde então consolidada pelo mito da segurança e da defesa coletiva.

As novíssimas técnicas científicas, aplicadas à destruição em massa, tornam inútil a manutenção de ociosos generais, almirantes ou brigadeiros, cuja principal ocupação em tempo de paz é de participar em manobras ou desfiles inócuos, escorar o poder da oligarquia ou deter diretamente o govêrno, fundando a usurpação na fôrça que controlam. Ademais, resulta lógico inferir que, em um plano internacional, a tão decantada "guerra fria" e o ambiente de constantes suspicácias e fricções bélicas estão relacionadas diretamente com o espírito de predomínio dos grupos militares rivais, coincidentes na aceitação da guerra como instrumento supremo para dirigir uma controvérsia pretensamente ideológica. O juizo de Kruschew, qualificando aos bombardeiros norte-americanos como "pecas de museu", pode aplicar-se, também, aos bombardeiros russos; e ao exército norte-americano, ao exército russo e às forças armadas em geral de tôdas as nações. O aprendiz de Stalin, preocupado em sobreviver nas disputas do Kremlin, ignora seguramente as profundas alterações estruturais que sucederão às mudanças dos militares pelos cientistas na condução do mundo. O triunfo obtido pelos sábios soviéticos contém potencialmente não só a neutralização das fôrças armadas opositoras, mas também a paulatina decadência e decomposição a curto prazo das fôrças armadas — incluindo a temível policia secreta — que constitui, na Rússia, um dos pilares do regime soviético. Êsse é o rumo histórico e únicamente poderá ser retardado, porém não será detido.

Não implica esta perspectiva um futuro desprovido de contingências dramáticas. Um homem de ciência e, particularmente, o que investiga a matéria inerte pode ser pessoa atrozmente limitada na sua sensibilidade humana e social. E' alecionador recordar que as bombas atômicas caídas sôbre Hiroshina e Nagasaki, matando milhares de sêres humanos e condenando a horrível morte lenta a muitos outros, foram arrojadas por ordem militar, porém foram construidas com perfeição de seu poder destrutivo por renomados homens de ciência, entre os quais se encontravam vários ganhadores do Prêmio Nobel.

* * *

A invenção das armas definitivas muda o panorama. Os govêrnos, sustentados pelas fôrças armadas permanentes passam a depender, de certo modo, dos homens de ciência. E o acontecimento promissor não radica em uma possível substituição de um setor dirigente por outro, mas sim na múltipla liberação popular — liberação econômica, social e política — que permite a decadência do militarismo. Êsse impulso popular, sem a vala da fôrça opressôra, deve enfrentar-se, pela vez primeira na história, com uma tarefa de assombrosa magnitude: a unificação material e espiritual do mundo, em um clima de respeito pelas fisionomias nacionais e a autonomia individual, como prelúdio à exploração do misterioso universo. Tal é a oportunidade que o ocaso do militarismo outorga às massas deserdadas, às comunidades oprimidas, aos militantes das democracias sindicais e políticas, aos artistas e intelectuais, aos profissionais e empregados, aos camponeses e operários, aos civis de todo o mundo, aos quais deve a civilização seu nome e seu espírito. Se essa imensa maioria, que abarca em seu conjunto os sábios que possibilitaram a liquidação de milenários previlégios, não atua à altura de sua responsabilidade histórica com espírito supra nacional e francamente humanitário; se a guerra, localizada ou geral, sobrevem, desencadear-se-á a hecatombe total no planeta. Como adverte Bertrand Russel: "Se essa esperança não se realiza encontrar-nos-emos ante o desastre total; se se realiza, o mundo estará muito melhor do que em qualquer periodo anterior de sua história".

Causticos Sociais

A um beato rico, mas avarento, fazia um padre um longo sermão interessado, contra o dinheiro e contra a avareza.

— O dinheiro é imundo, é o pecado, é a tentação, é Satanaz em metal, é estrume...

— Mas os padres aceitam-no sem nojo, observou o beato maliciosamente.

— Aceitamo-lo, porque, passando para as nossas mãos, o dinheiro santifica-se...

LIVROS EM REVISTA

1.º — Em excelente tradução de nosso companheiro Daniel de Brito, tradução efetuada do original alemão, acaba de ser lançada a obra de Rudolfo Rocker A INSUFICIÊNCIA DO MATERIALISMO HISTÓRICO - RELIGIÃO E POLÍTICA, dois primeiros capítulos do extraordinário livro que se intitula "Nacionalismo e Cultura". Recomendamos vivamente a todos que se interessam por sociologia o bem cuidado volume de 132 páginas. Editou a Organização Simões: (Rua do México, 31, sobreloja — Grupo 203 — Rio de Janeiro). Preço: Cr$ 50,00.

—o—

2.º — E', talvez, Kropotkine o autor ácrata que mais tenha sido traduzido no Brasil. Recentemente, a Livraria Progresso Editôra (Praça da Sé, 26 — Salvador — BAHIA), lançou dois livros do escritor russo; o primeiro, O ANARQUISMO, trata de uma série de conferências abrangendo as bases científicas, a filosofia, os princípios econômicos do socialismo libertário. Uma ótima biografia, escrita por Hendioser, serve de introdução ao livro. Preço Cr$ 60,00. O segundo é A GRANDE REVOLUÇÃO, em 2 grossos volumes. Farto material e aspectos insólitos são analisados por Kropotkine. A Grande Revolução Francesa vista de maneira original por êsse grande sábio humanista. Livro que não pode faltar em nenhuma estante. Preço: 2 volumes Cr$ 200,00.

—o—

3.º — A HISTÓRIA SEXUAL DA HUMANIDADE, do companheiro Eugen Relgis, traduzida primorosamente por José Oiticica, foi lançada pela livraria Editôra Civilização Brasileira (Rua 7 de Setembro, 37 — Rio de Janeiro). O livro, que merece ser lido por todos os que se interessam pela compreensão e solução de todos os problemas sexuais, estabelece em bases históricas e mitológicas, um resumo dos principais fatos sexuais na história da humanidade, partindo da Bíblia, na qual o autor soube extrair a quase totalidade dos fatos de origem sexual e culminando com os relatos mais pavorosos da última guerra mundial, na qual os regimes totalitários levaram a palma em provocar as maiores aberrações e crimes de natureza herótica. Os regimes ditatoriais, da Rússia e Alemanha, são analisados sob o ângulo sexológico e Relgis, usando uma imparcialidade objetiva, chega a conclusões verdadeiramente surpreendentes.

A história das perversões dos grandes potentados é relatada de forma minuciosa e personalidades como Galba, Nero, Alexandre são reduzidas à sua verdadeira insignificância. A história dos amerindios merece um bem cuidado capítulo no qual são analisados os fatores que condicionaram a queda de civilizações maravilhosas, como a dos Incas e Aztecas, e conseqüente dominação pelo invasor e conquistador espanhol. Não podemos deixar sem reparo a figura apocalíptica do Marquez de Sade, do qual derivou o termo sadismo e que mereceu de Relgis um apurado estudo histórico que, em parte, o reabilita das mentiras e fantasias que se formaram sôbre sua personalidade, no decorrer dos tempos.

Finalizando, queremos dizer que o livro, por seu conteúdo e finalidade, deverá ser lido por tôdas as pessoas que tenham nos recônditos do cérebro o germe da inquietude e a sêde de saber. Prêço: Cr$ 60,00.

—o—

4.º — COLÔNIA CECÍLIA, obra emérita de Afonso Schmidt, laureado escritor paulista, que, há tempos, foi militante libertário e redator do periódico anarquista A PLEBE, vem de ser reeditada em conjunto com outros trabalhos: OBRAS DE AFONSO SCHMIDT (Editôra Brasiliense Ltd.). É o relato singelo de uma utopia ácrata, que teve no dr. Giovanni Rossi seu idealizador e realizador. Nos fins da Monarquia, em viagem pela Europa, o imperador D. Pedro II deu vasta área no Estado do Paraná, na vizinhança das localidades de Palmeira e Santa Bárbara, a um grupo de idealistas. A colônia sem nenhuma base financeira, fazendo da agricultura seu meio de subsistência, prospera e vem tempos após fenecer, quando a nascente república resolve cobrar-lhe pesadíssimos impostos. Leitura recomendada, obra ricamente encadernada em percalina.

—o—

5.º — ASSIM CANTAVA UM CIDADÃO DO MUNDO é, do começo ao fim, um cântico ardente à Liberdade, em tôdas suas formas, e ao Cosmopolitismo, à grande Pátria Planetária, ao Socialismo Libertário e a outros generosos ideais, tão esquecidos hoje, num mundo, como o nosso, que, após a última guerra vitoriosa contra a besta apocalítica do nacionalismo, continua, desde a Rússia até os Estados Unidos, dominado pelo totalitarismo, pela intolerância e pelo nacionalismo de esporas, princípios negativistas que estão engendrando nova e mais terrivel carnificina mundial. E', por êste motivo, um livro da maior oportunidade. Editôra Germinal (Caixa Postal, 142 — Agência da Lapa — Rio). Preço: Cr$ 60,00.

NOTA: Os leitores que desejarem adquirir os livros mencionados nesta seção, poderão endereçar seus pedidos para: Editôra GERMINAL — Caixa Postal, 142 — Agência da Lapa — Rio de Janeiro.

unesp Cedap Centro de Documentação e Apoio à Pesquisa Faculdade de Ciências e Letras de Assis

TRIBUNA DE DEBATES

Anarquismo e Maçonaria são dois movimentos inconciliáveis

Por JAIME DE SOUZA ÁVILA

No n.º 90 de "Ação Direta", noticiou-se a exclusão de um militante anarquista dos quadros da respectiva organização na Bélgica, por pertencer à Maçonaria, e a propósito foram convidados os leitores dêste jornal a opinar sôbre o caso. Ora, há muito que o problema me apaixona, e só não acedi, então, ao convite do falecido diretor de "Ação Direta", nosso saudoso amigo e camarada prof. José Oiticica, por encontrar-me, como viajante comercial, que sou, ausente do Rio, e só agora, ao regressar a esta capital, me ser dado ler tal número do nosso jornal.

Entendo, como os camaradas da organização belga, que não se pode ser, a um tempo, anarquista e maçon. Por quê? E' o que vou explicar.

1. Nós, anarquistas, somos revolucionários, isto é, queremos derrubar a carcomida sociedade estatal e capitalista, geradora de tôdas as misérias e injustiças que sofremos, substituindo-a por uma sociedade de homens livres e iguais, sem deuses e sem amos, sem superstições e sem dogmas, sem Estado e sem propriedade privada nas mãos de uns poucos de parasitas. A Maçonaria, pelo contrário, embora proclame que o seu edifício ideológico assenta sôbre a trilogia **"liberdade, igualdade e fraternidade"**, tem-se revelado sempre uma organização conservadora, pois outra coisa não fêz, até hoje, senão servir-se daquela trilogia luminosa para neutralizar movimentos sociais nascidos dos impulsos generosos dos indivíduos e dos povos, no sentido da verdadeira emancipação do ser humano, como a Revolução Francesa, a Comuna de Paris, a Revolução Russa, a Revolução Espanhola. Nascidos dos anseios insofridos e espontâneos das massas por melhores dias, por mais liberdade e justiça, não tardou que a Maçonaria, por meio dos elementos moderados e reacionários, dos burgueses e autoritários, que são o cerne das lojas, sôbre êles agisse como um freio. E os povos, que estavam a caminho de alcançar a sua carta-de-alforria, viram-se, de novo, envolvidos nas malhas de novo e não menos tenebroso despotismo. Não nos esqueçamos de que, no caso da guerra de Espanha, ou Revolução Espanhola, foi por intermédio de Queipo de Llano, "el general borracho", do general Mola e do duque de Alba, todos os três maçons, que a Grande Loja de [illegible] Inglaterra, que tinha e tem à sua frente os principais dirigentes da pnlítica inglêsa, levou o govêrno do seu pais a aderir à polltica de não-intervenção na referida guerra civil, contra a intervenção de Hitler, Mussolini e Salazar, o que deu a vitória a Franco e ocasionou a derrota e a chacina dos anarquistas, socialistas e republicanos da Espenha, entre os quais muitos maçons sinceros, atraiçoados, do dia para a noite, pelos seus "irmãos" da Inglatarra e da Norte-América, serventuários do capitalismo internacional.

2. Dizem-nos que a Maçonaria é uma escola de liberdade, que as lojas maçônicas são oficinas onde os homens que nelas entram se transformam de pedra bruta em pedra polida, porém a realidade não confirma tal asserção. E se não, vejase: maçons eram Thièrs (o massacrador dos revolucionários da Comuna de Paris, primeira tentativa séria para a instauração do verdadeiro socialismo); Napoleão Bonaparte (o bandoleiro agaloado que fêz reerguer os tronos derrocadoa pelo vendaval da Revolução Francesa e que se fêz sagrar a si mesmo imperador, em nome — ó irrisão! — dos ideais democráticos, tão alardeados pela seita maçônica, de que foi filho espiritual); Napoleão 3.º ("o pequeno", que seguiu as pisadas do 1.º, vibrando o golpe-de-estado que derrubou a segunda república e fazendo-se, como aquele, igualmente coroar imperador); Lenine e Trótski (os forjadores de novas e mais terriveis grilhetas para o povo russo, os massacradores dos heróicos marinheiros anarquistas de Kronstadt e dos exércitos anarquistas da Ucraína, que haviam salvo a Revolução Russa das invasões dos contra-revolucionários Denikine, Wrangel e Koltchak); Carmona (ditador luso a sôldo da Companhia de Jesus, não obstante a sua qualidade de membro da Grande Dieta do Grande Oriente Lusitano Unido, Maçonaria Portuguêsa); os generais Mota e Queipo de Llano (principais colaboradores de Franco, a quem ajudaram a afogar em sangue os anseios de liberdade e de justiça do viril povo espanhol, que acabava de realizar a maior das revoluções da História). Maçons também, não nos esqueçamos, são Truman e Eisanhauer, chefes de um dos dois maiores impérios do mundo (o outro é o russo) e aliados de Salazar e Franco.

Objetar-me-ão que apontei excepções, traidores da Maçonaria, que de nenhum modo representam os ideais desta. Limitar-me-ei a responder: Porventura alguém viu, ouviu ou leu algum comunicado ou protesto da Maçonaria mundial, exautorando os referidos vultos? Longe disso, a seita dos Pedreiros-Livres não oculta, em nenhum momento, o seu orgulho por tê-los como brilhantes ornamentos das suas "colunas".

3. Nós, anarquistas, somos ateus, isto é, negadores da Divindade, Causa Primeira, Providência, Deus, ou como se queira chamar a êsse espantalho que há milênios aterrorisa os povos. Lutamos contra a idéia de Deus, na qual, com Bakúnine, vemos o germe de tôda a autoridade do homem sôbre o homem, e contra tôda religião, pois, com Proudhon, entendemos que esta é o maior entorpecente, o mais terrível "ópio do povo", o instrumento mais eficaz de domínio e de exploração, de que se servem os senhores do mundo. Para nós, anarquistas, Deus é um ser inconcebível, ridículo, absurdo. A Maçonaria, pelo contrário, profundamente deista, adora, em seus "templos", o "Grande Arquiteto do Universo", identificado, nos rituais da seita, como Deus ou Criador dos Mundos, e exige a crença em tal boneco ou espantalho, como condicão indispensável para ser-se admitido nela.

Para nós, ácratas, não há e jamais houve criação, pois entendemos, com Lavoisier, que "nada se cria e nada se perde, mas tudo se transforma". Cremos, com a Ciência, que o Universo, ou seja tudo quanto existe, é obra da mecânica molecular, do átomo e suas divisões, agregados e combinados por próprio dinamismo, sem [illegible] autoridade externa. A Natureza é, pois, para nós e para a Ciência, o resultado da transformação incessante da matéria, que não se cria nem se perde, e, portanto, sem princípio nem fim. A concepção científica do positivismo comteano está bem condensada nesta bela síntese do grande mártir da Ciência e da intolerância da Igreja, Giordano Bruno: "A semente faz-se erva, a erva faz-se espiga, a espiga transforma-se em pão, o pão em quilo, o quilo em sangue, o sangue em semen, o semen em embrião, o embrião em homem, o homem em cadáver, o cadáver em terra, a terra em pedra ou outra coisa, e assim se chega a tôdas as formas naturais...". Eis, em resumo, todo o metabolismo da vida.

4. Somos antipatriotas e antinacionalistas, isto é, mais do que internacionalistas (pois esta expressão pressupõe a existência de nações, estruturas politicas dos Estados), universalistas, pois não admitimos a divisão do mundo por meio de fronteiras artificiais, nas quais vemos a causa permanente das guerras. A Maçonaria, pelo contrário, embora se diga fraternal e cosmopolita, prega, em todos os seus códigos e rituais, o patriotismo, e ergue preces à bandeira nacional com a mão em garra sôbre o coração.

5. Nós, anarquistas, somos inimigos declarados de tôdas as leis escritas, nas quais vemos limitações à liberdade individual e instrumento de defesa dos privilégios dos donos do mundo. Aceitamos apenas as leis eternas, imutáveis e não escritas da Natureza. A Maçonaria, essencialmente autoritária e hierárquica, prega-nos, em todos os seus códigos e rituais, a "obediência às leis do país".

6. Os anarquistas, partidários máximos da igualdade entre os homens, somos adversários declarados de tôda discriminação racial. A Maçonaria, pelo contrário, na Inglaterra, na América do Norte, na África do Sul (países governados, desde há séculos, por maçons, onde o rei é, por via de regra, o grão-mestre da seita, e o presidente da república é eleito entre os mais categorizados maçons), embora pregue a fraternidade, proibe a entrada de negros nas lojas de brancos. Se agora se começa a transigir naquele país com a coeducação de crianças negras e brancas, é isso devido, não ao esfôrço da Maçonaria, mas sim à compreensão, por parte de todos, governantes e governados, da grave ameaça que a raça negra, proliferando separadamente da branca, representa para esta, que até agora tem persistido em ver no negro um simples animal muito semelhante ao homem.

7. Os anarquistas lutamos pela total abolição de todos os traços de desigualdade (de nascimento, de hierarquia, etc.) entre os homens. A Maçonaria, ao contrário, apesar de dizer-se democrática, igualitária e fraternal, ainda hoje e em países de formação democrática, como o Brasil, impede a admissão, nas lojas, aos autênticos maçons, isto é, aos que trabalham. Com efeito, as lojas estão pejadas de burgueses de tôdas as categorias (burocratas, comerciantes, oficiais do exército, advogados, banqueiros, etc., etc.) e nenhum operário se vê nelas, pois que a iniciação está pràticamente vedada aos trabalhadores, aos assalariados, não só porque êstes não têm dinheiro para as despesas com o banquete de admissão, mas ainda porque a sua presença não é desejada pelos dirigentes das lojas. Por outro lado, os títulos que os membros da seita, os maçons, vão recebendo, na ascenção da escada dos graus, desde o 1 até o 33, tresandam a aristocracia e a medievalismo do mais sediço, dizendo da sinceridade do espirito democrático, nivelador, igualitário, da "Sublime Instituição", como ela se proclama. Eis alguns desses títulos nobiliárquicos: "Cavaleiro do Real Arco", "Principe de Jerusalém", "Soberano Pontifice" "Soberano Principe Rosa Cruz", "Grande Pontífce", "Cavaleiro Real Machado" ou "Príncipe do Líbano", "Chefe e Principe do Tabernáculo", "Principe das Mercês", "Soberano Comendador do Templo", "Principe Adepto", "Grande Cavaleiro Escocês de Sto. André da Escócia", "Soberano Principe do Real Segredo", etc.

8. Nós, anarquistas, vemos na Biblia, como em todos os demais "livros sagrados" das várias religiões, simples coleções de lendas, nascidas e cimentadas nas noites dos povos. A Maçonaria, pelo contrário, proclama a sua divindade, coloca-a sôbre o "altar", nos seus "templos", e faz jurar sôbre ela os seus iniciados.

9. Poderia, se quisesse e o espaço me permitisse, multiplicar as provas na nossa incompatibilidade com a Maçonaria, a impossibilidade de ser-se, ao mesmo tempo e honestamente, anarquista e membro de uma das seitas mais conservadoras, que outra coisa não tem feito senão frear os esfôrços daqueles que visam sinceramente impulsionar o verdadeiro progresso e a verdadeira emancipação humana, só possíveis, em nosso entender, com a derrogação da autoridade e da propriedade, fontes, quanto a nós, anarquistas, de todo o mal, mas que a Maçonaria não combate, pois ela circunscreve sua ação a dar de comer ao povo churrascos de padre.

10. Por tudo o que aí fica dito é que a Confederação Nacional do Trabalho (organização anarco-sindicalista, isto é, orientada pelos anarquistas) de Espanha, e outras organizações congêneres do mundo resolveram, em seus congressos, afastar de cargos diretivos os militantes filiados à Maçonaria, organização manifestamente burguesa, anti-revolucionária, mantenedora do Estado, do capitalismo, da politica e defensora do patriotismo e do nacionalismo.

NOTA DA REDAÇÃO — Mantemos aberto o debate sôbre o tema "A favor ou contra a Maçonaria?" a quantos queiram opinar sôbre êle, acolhendo por igual as opiniões a favor ou contra, que os nossos leitores se dignarem enviar-nos. Sòmente pedimos que o façam de maneira objetiva, serena e o mais sintèticamente possível, dado o tamanho do nosso jornal.

AÇÃO SINDICAL

Contendo excelente material doutrinário e combativo, está circulando o segundo número de "AÇÃO SINDICAL".

Apresenta os seguintes artigos, oportunissimos: **Os Trabalhadores em Calçados e suas lutas, O Impôsto Sindical, O Sindicalismo e os Partidos.**

Dirige o periódico o companheiro Alexandre Pinto. Correspondência em nome de Rubens Leite, Caixa Postal 5739 — S. Paulo.

Reflexões de um Anarquista

Por Raul Vital

O MEU DESPERTAR

Apesar de minha ignorância em assuntos sociais, eu pensava sempre que devia haver algum regime diferente da democracia, do chamado «comunismo» e do fascismo, mais justo e mais humano, que permitisse o bem estar e a facilidade humana. Compreendia a impossibilidade de alguém ser feliz em uma sociedade dessas, cheias de desigualdades, explorações e opressões. Considerava injustiça uns ganharem 10, enquanto outros 100 e outros ainda 1.000 ou mais pelo trabalho ou meio de vida. E mais ainda, que alguns vivessem de negociatas, enriquecendo da noite para o dia, em prejuizo de outrem, dando motivo a certa pessoa dizer que «o Brasil só progride à noite porque os ladrões estão dormindo»... Como se podia admitir que uns vivessem nababescamente sem trabalhar, à custa de explorações, enquanto aos que trabalham falia o necessário? Preocupavam-me os paradoxos, os contrastes e as injustiças dessa natureza. E extranhava que o homem ainda não houvesse encontrado uma fórmula social através da qual se pudesse viver condignamente. Por que? Por que? Por que? — perguntava-me constantemente sem encontrar resposta satisfatória para tais incongruências.

Eis quando, em 1946, em um «cebo», em busca de livros mais baratos, deparei casualmente com um volume carcomido pelas traças, da autoria de HAMON, «Socialismo e Anarquismo». Peguei-o para satisfazer minha curiosidade intelectual.

Foi como se um raio de luz iluminasse repentinamente minha alma às escuras! Senti o impacto de uma emoção idêntico ao garimpeiro que passa uma bôa parte da vida buscando um diamante. Sua leitura empolgou-me. Compreendi, de relance, que a doutrina anarquista continha o ideal humano mais puro, mais elevado, mais digno e mais humano. Através dele o homem libertava-se do egoismo, dos preconceitos, dos convencionalismos, das tradições, dos métodos, dos dogmas, para viver exclusivamente a vida sem falsos conceitos. Deixava de ser um instrumento do semelhante mais poderoso para ser um sêr livre, independente. Tornava-se enfim, uma consciência. E os homens formavam uma sociedade sem classes, sem privilégios, sem preconceitos. E a vida deixava de ser um circulo vicioso de problemas e dificuldades para ser um fato real sem a ambição de enriquecer, nem a preocupação de morrer de fome, sem interêsse de dominar ou ser dominado pelo semelhante.

A idéia dêsse mundo equitativo e maravilhoso incorporou-se ao meu patrimônio moral e intelectual, absorvendo completamente meu sêr.

Daí por diante, comecei a procurar obras sôbre o assunto. Perguntava, interessado, aos livreiros: — Que tem o Sr., aí, sôbre Anarquismo? Raro era o que dispunha de um ou de outro volume. Informavam-me, então, que estavam tôdas esgotadas. Circulava lá uma ou outra escapadas às apreensões policiais verificadas poucos anos antes, pelo govêrno ditatorial, para conter a onda arrasadora do pensamento revolucionário do país. E ninguém ousava imprimir, visto os grandes prejuizos sofridos com as confiscações. Ademais, receavam perseguições e prisões.

A esperança de um mundo melhor e uma vida mais feliz acêsa em mim naquela tarde centinua a iluminar minha vida e a animar minha caminhada. Consola-me a convicção de que as futuras gerações gozarão a ventura de viver no mundo que nós outros conhecemos por antecipação.

Muitas vêzes fico a pensar em quanta gente, como eu, antes, vive por aí, convencida de que tudo está errado e descontente com tudo, mas ainda não teve oportunidade de despertar para o seu ideal, para o ideal verdadeiramente humano.

Militantes que desaparecem

ANTÔNIO TRIGO

Fomos surpreendidos, no dia 2 de Abril, com a dolorosa notícia do falecimento de mais um velho e devotado camarada: Antônio Trigo. Dizemos surpreendidos porque, apesar de o sabermos doente ha muitos anos, tinhamo-nos habituado de tal maneira a vê-lo desenvolver cotidianamente, não obstante os seus padecimentos crônicos, tal atividade profissional, que estávamos longe de prever tão súbito desenlace.

Antônio Trigo, filho do velho e, como êle, abnegado companheiro dos tempos heroicos do movimento anarquista, Vitorino Trigo, e de Maria Trigo, nascera em Vila Real, Portugal, de onde amigrara com seus pais, aos 10 anos, para o Brasil, e contava presentemente 54 anos. Tendo abraçado, jovem ainda, entre os 14 e os 15 anos, ao clarão da Revolução Russa, os ideais libertários, empenhou-se, por essa altura, nas lutas que, sob a inspiração dos anarquistas, as classes laboriosas do Brasil levavam a cabo e das quais resultou a conquista das oito horas de trabalho e outras regalias.

Desde então, deu o máximo do seu esfôrço idealistico a todos os movimentos libertários, tais como os da Liga Anti-Clerical e da União dos Alfaiates, ambas as quais ajudou a fundar e nas quais militou ativamente. Foi também amador teatral, como tal representando com muito agrado em peças de caráter social, levadas à cena na sede da antiga Resistência dos Cocheiros, na rua Camerino, onde funcionava o teatro de amadores fundado e mantido pelos anarquistas do Rio. Ali atuou Antônio Trigo nas peças "Pedra que Rola", de José Oiticica; "Infanticidio", de Mota Assunção; "Interêsses Creados", de Jacinto Benavente, e outras, que constituiam, então, repertório por assim dizer obrigatório dos grupos de amadores revolucionários.

Flagrante da sociedade burguesa

Um traço biográfico que bem define a sua capacidade de iniciativa e de solidariedade humana e familiar, apanágio do verdadeiro anarquista: Em 1918, a chamada epidemia espanhola havia posto de cama todos os membros de sua família, pais e irmãos, em número de seis, só a êle poupando. Apesar de contar, então, apenas 14 anos, opôs-se a que se chamasse o auxílio de estranhos, e êle, sòzinho, dedicou-se a tratar zelosamente dos doentes, evitando maiores consequências.

Sofrendo, desde a infância, de reumatismo articular, o mesmo mal de que falecera sua mãe, Antônio Trigo, camarada bonissimo, reto, estudioso e dotado de um despreendimento que o levava a auxiliar sempre, intelectual e materialmente, as mais generosas iniciativas, sobretudo da propaganda das nossas idéias, assim como todos os que dêle se abeiravam, logrou, por muitos anos, até a morte, num esfôrço tenacissimo da vontade, triunfar da insidiosa moléstia que o fazia, cada dia mais, curvar-se para o chão. Apesar disso, raramente faltava à oficina de alfaiate, que possuia na rua Alcindo Guanabara, 17. Sua morte foi causada por derrame cerebral.

O camarada Trigo, fiel às idéias racionalistas, em que os anarquistas comungam, recusou, à hora da morte, os chamados "auxílios espirituais" da Igreja, em que não acreditava, pois que, como nós, era ateu. Foi enterrado civilmente.

Deixa viúva, a sra. Alzira Neves, e um filho, Mauro, de 14 anos, estudante, que era o seu enlêvo. A êstes, assim como a seu velho pai e a seu irmão Luciano, também nosso camarada, as sentidas condolências do grupo de "Ação Direta", que em Antônio Trigo perde um dos mais devotados amigos.

unesp Cedap Centro de Documentação e Apoio à Pesquisa Faculdade de Ciências e Letras de Assis

Gustavo Corção versus Kruchev

Por OSVALDO SALGUEIRO

O sr. Gustavo Corção é um jornalista de mão cheia. E', por assim dizer, um excelente manejador da pena. Mas nem por isso deixa de ser vulnerável. E se o seu ponto fraco não está, como no gigante lendário, no umbigo, está no seu catolicismo. E o catolicismo, como, aliás, tôdas as religiões, é um terreno muito movediço. E quando alguem se mete a passear em campo movediço, não pode evitar descaídas, embora, às vezes, não se dê conta disso, dado o estado de enlevo em que se encontra.

Apesar de certos pesares, Gustavo Corção é digno de ser lido. Eu o leio sempre com prazer, pois que, para mim, os seus artigos são, quase sempre sugestivos, a começar pelos títulos. Assim, por exemplo, êle publicou no "O Estado de S. Paulo" (13-4-58) um artigo sob o título: "O que Kruchev disse de Deus". O que é que Kruchev terá dito de Deus, esse Deus no qual não crê, esse Deus que, para êle, como para tanta gente, não existe? Bem, será melhor tecer alguns comentários em tôrno do artigo de Gustavo Corção.

Segundo o articulista em apreço, três jornalistas americanos tiveram a idéia, meses atrás, de solicitar uma entrevista ao sr. Nikita Kruchev, "incontestável senhor das rússias e de seus satélites naturais e artificiais".

Incontestàvelmente, Kruchev é, hoje, senhor de tôdas as rússias e de todos os seus satélites, posto, êste conquistado, como digno discípulo de Stalin, à custa de muito maquiavelismo. Também podemos aceitar de boa fé as perguntas feitas pelos jornalistas norte-americanos e as respostas dadas às mesmas por Kruchev, posto que tais respostas fàcilmente se podem identificar como parte do clichê krucheviano. E é evidente que, conforme considera o sr. Gustavo Corção, o sr. Luiz Carlos Prestes, nas respostas dadas em suas entrevistas, vem seguindo os passos do déspota russo.

Mas o sr. Corção leu a notícia, a notícia da entrevista dada por Kruchev aos jornalistas americanos, no "Católic Digest". Daqui a principal razão de ser de seu artigo, mórmente se tivermos em conta o respectivo título. E, a certa altura, um dos jornalistas "teve a esquisita idéia de perguntar ao primeiro secretário (a "idéia", é intuitivo, já iria preparada na algibeira) o que pensava de Deus."

Ora, todo o jornalista que se preze como tal, tem que ser, além de curioso, culto; e sendo curioso e culto tem por obrigação, mórmente nos dias de hoje, de conhecer as razões do ateismo. E depois de conhecer as razões do ateismo não perguntará a um ateu o que é que pensa de Deus, sobretudo porque é um contrassenso perguntar a alguém o que é que pensa de um ente ou entidade que não conhece e nem mesmo sabe se existe, se, de fato é um ente.

Mas, ou Kruchev não soube responder devidamente à pergunta ou ao "Católic Digest" não interessou publicar a resposta integralmente. Segundo o sr. Gustavo Corção, "Kruchev respondeu que o nome de Deus era apenas um hábito linguístico. Nós juramos por Deus como poderiamos dizer "palavra de honra". De fato, assim é, pelo menos até certo ponto, e isto se pode constatar a cada momento. O sr. Corção, cuja sinceridade eu não quero pôr em dúvida, o terá constatado muitas vezes. Há por êste mundo além uma infinidade de católicos que quando alguém duvida, muitas vezes com fundamento, da veracidade de suas afirmações, na vez de "palavra de honra", costumam dizer: "Palavra de Deus!". E êstes católicos, que na sua maioria o são porque nada sabem do catolicismo, estão esquecidos de que a Igreja Romana lhes ensina (ensina mas não cumpre) não empregar em vão o nome de Deus.

"Infelizmente — diz-nos Gustavo Corção — Bob Considine (um dos jornalistas) não teve a idéia de perguntar se "honra" também era um hábito linguístico."

Sim — respondo eu agora — "honra" é, muitas vezes, apenas um hábito linguístico, mas, entre os donos do mundo, tanto o é do lado dos crentes em Deus, quanto dos ateus. E Gustavo Corção sabe muito bem disto. Êle o tem demonstrado, embora de outra maneira, através de seus excelentes artigos. Gustavo Corção sabe que, em última análise, Kruchev, Nasser, Franco, Batista, em suma, todos os tiranos que de uma ou outra maneira, infelicitam êste pobre globo, são crentes e ateus, tudo farinha do mesmo saco. (1)

Mas agora é que vamos entrar, a meu ver, no âmago do assunto.

"William Hearst (outro dos três jornalistas) — prossegue Gustavo Corção — tomou então a ofensiva:"

— Há entre nós uma diferença essencial. Quando damos nossa palavra sentimos que estamos empenhados diante de Deus. No caso dos senhores, o compromisso fica só no papel...

Fraca ofensiva. E me parece, se não hipócrita ou cínica, de uma extrema ingenuidade. Entre nós, quem? E' intuitivo: entre os governantes norte-americanos e os russos. Mas, vamos e venhamos: em parte, o mencionado jornalista está com a verdade. Assim, por exemplo, quando certos tiranos que infelicitam algumas nações da América do Sul pedem armas aos norte-americanos a fim de massacrar povos que se dispõem a lutar por um pouco de liberdade e justiça, Tio Sam sente-se logo empenhado perante Deus e imediatamente lhas manda e, assim, o compromisso não fica só no papel... De resto, o empenho diante de Deus é, na maioria dos casos, mêdo. Mas, em regra, os crentes só têm mêdo de Deus quando lhes convém...

Kruchev teve um sobressalto e como resposta disse, além de outras coisas, que é ateu mas que sabe dar valor aos compromissos e deu de criticar acerbamente o sr. Dulles. O sr. Dulles diz-se piedoso, recorre ao nome de Deus mas ao mesmo tempo envia emissários à Turquia e a outros paises para preparar a próxima guerra. E Kruchev pergunta: "Será isso compatível com a atitude cristã?" E por que não? Em matéria de armamentos, desde há muito tempo que cristãos e maometanos se entendem perfeitamente. Mas, por outro lado, também podemos perguntar a Kruchev se é compatível com as aspirações de paz universal que êle prega, e com o socialismo, o envio de armas pela Rússia ao aventureiro fascista Nasser a fim de liquidar a florescente república de Israel, onde se estão fazendo experiências de autentico socialismo.

Kruchev também discorreu longamente sôbre os padres que abençoam as armas e sôbre os homens maus que invocam o nome de Deus para explorar o povo. E, para o "Católic Digest" e os jornalistas americanos, como também para o sr. Gustavo Corção, tudo o que Kruchev disse a propósito da existência ou inexistência de Deus, não passa de vulgares argumentos. E prosseguindo, o sr. Corção tece algumas considerações, caindo também na vulgaridade e com a agravante de não responder, não poder responder direta e satisfatòriamente às afirmações de Kruchev.

"Deus não pode existir — diz o sr. Gustavo Corção — porque mr. Foster Dulles, que usa seu nome, manda emissários à Turquia. Deus não existe, porque existe a exploração do trabalhador pela mesma classe que invoca o nome de Deus."

Ora, isto são sofismas e aqui é que está o ponto fraco de Gustavo Corção ao fazer-se advogado de uma causa desde há muito tempo perdida, qual a de defender a existência de Deus. Se o jornalista americano tivesse perguntado a Kruchev porque é que êle é ateu, é evidente que este teria respondido que pela simples razão de que até hoje ninguém provou a existência de Deus. O que Kruchev asseverou sôbre os provocadores de guerras e exploradores de povos e que, ao mesmo tempo, vivem invocando o nome de Deus, é mentira? Não. E então? E' certo que Kruchev não tem nenhuma autoridade moral para acusar certos governantes piedosos, de belicosos, exploradores, imperialistas, etc. Mas nem por isso, no caso em apreço, êle não disse a verdade.

Quanto "às mais elaboradas demonstrações metafísicas da existência de Deus" de que nos fala Gustavo Corção, não têm passado de palavriado vasio. Mesmo as mais bem elaboradas não chegam nem a ser partos de montanha. Mais em baixo o sr. Gustavo Corção nos diz que para os santos "o trágico da vida e da iniquidade realça a existência de Deus". Fresca concepção, esta, da existência de Deus. Felizmente, a época do santo desvario já passou há muito tempo.

Geralmente, os teólogos, e mesmo os intelectuais religiosos, fazem uma tremenda confusão da religião e do ateismo, isto é, da relação destas doutrinas com a moral. E isto é um grave êrro. O ateismo é uma consequência lógica da ilustração científica, principalmente no tocante à origem, ou suposta origem, do universo. Mas isto, em si, pouco pode contribuir para o aperfeiçoamento moral das pessôas. Kropotkin, por exemplo, tornou-se ateu em virtude dos seus conhecimentos científicos, mas foi a cultura geral, sobretudo a cultura socialista, bem como a sua boa índole, que fizeram dêle um dos homens mais bondosos de todos os tempos. E a bondade de Kropotkin, embora nada tenha de lendária, foi maior que a de Francisco de Assis.

Por outro lado há, e tem havido, pessoas religiosas de grande bondade e que têm a ilusão de que sua bondade é devida à crença de Deus. Enfim, creio que isto não faz mal a ninguém. Mas também há muitos animais, tidos como irracionais, possuidores de uma tal bondade que poderia servir de exemplo a muitas pessoas, mesmo religiosas. E a bondade dêstes não é inspirada, por certo, em abstrações de qualquer filosofia religiosa.

Não, não nos venham, com obstinada pretensão, fazer crêr que a crueldade de Kruchev e outros tiranos detrás da cortina de ferro se deve ao ateismo, esquecendo, no entanto, Peron, Batista, Franco e outros tiranos católicos apostólicos romanos.

(1) — No mesmo número do mesmo jornal onde foi publicado o artigo do sr. Gustavo Corção, há um clichê no qual o arcebispo de Kalocsa, (Hungria) metido no seu rico e aparatoso indumento, cumprimenta, com um sorriso cordial e afetuoso, o déspota Kruchev. E logo em baixo como que a talho de foice, a notícia na qual Batista oferece cem mil dólares pela cabeça de Fidel Castro. Entretanto, como que por uma trágica coincidência, os povos, russo, húngaro e cubano, são os que, atualmente, mais estão sofrendo os efeitos do terror ditatorial.

Propague

AÇÃO DIRETA

O QUE VAI PELO MUNDO

O movimento libertador do povo venezuelano e a fuga de Pérez Giménez

Por EUZEBIO LARRUY

Péres Jiménez já não é, sequer, caso típico. Muitos são, para desgraça humana, os que empregam a criminalidade em benefício dos seus bastardos e inconfessáveis interêsses particulares. Nada importa que as suas vilezas, diàriamente repetidas, as envolvam em frases bombásticas como "democracia dirigida", "corporativismo auspiciado pelo Estado", "defesa da liberdade", "ditadura do proletariado", ou "novo ideal nacional", porque é tudo o mesmo escremento, uma vez que a palavra Liberdade tem sido sempre vista, violada e rebaixada à categoria de prostituta de esquina.

Em seu nome — nome desflorado por canalhas de reluzentes medalhas e hóspedes de banquetes de mil Bolívares "por cabeça" — têm-se cometido as mais indignas atrocidades e os crimes mais repugnantes.

Todos os tiranos, de juízo perturbado, de estigmas degenerativos, recorrem a ela, como couraça ou trincheira, de onde dirigem os seus ataques contra os homens de ideais nobres, refugiando-se no que sabem que agrada aos povos. Constróem umas estradas, dragam um pôrto, asfaltam umas ruas, edificam vários arranha-céus, estimulam o esporte, instituem o favoritismo, para ajeitar situações e economias de parentes, amigos, correligionários chegados, conhecidos, vizinhos. Criam, desta sorte, um círculo de exaltadores, partido ou sindicato, que os apoiam e o fazem passar por "povo deliran te de entusiasmo, que os ovaciona e os vitoreia, estimulando-os a prosseguir na obra de regeneração nacional".

Assim atuam êles, para consumo dos mentecaptos e consôlo dos covardes que dão a sua cumplicidade por carência absoluta de galhardia e excesso de indignidade.

E' de todo em todo necessário nesta hora crucial e perigosa em que se encontra o mundo atual, que os povos tomem já a determinação de acabar, seja como fôr, com a terrível condição a que os reduziram os que prevaricaram na gestão administrativa das nações de todos os continentes.

Um mundo que se apoia na guerra e classes que fundamentam a sua sobrevivência no embrutecimento dos deserdados, mediante a violência e a coação vindas do pináculo do poder, já não tem razão de ser.

Pérez Jiménez e seu cão Estrada desapareceram da cena venezuelana, deixando atrás de si uma esteira de horrendos delitos: mulheres com os bicos do peito destruídos por torqueses; parturientes com o ventre espancado com varinhas de ferro ou cacetetes de policiais; espancamento com sabre, até chegar ao abalo visceral; vidro moído misturado à comida dos que seriam expulsos; aplicação elétrica nos testículos; o atroz tormento do chamado "ring"; a ameaça constante das metralhadoras; o temor contínuo das "transferências noturnas", em que a vítima escolhida era assassinada nas valetas de caminhos distantes.

Diante dêsse espetáculo dantesco, a misericórdia empalidece até desvanecer-se. Nesta altura, o repúdio atingiu o seio dos próprios reacionários, esfera cultora da fôrça e do tradicionalismo. Os crimes que vem de cima, são mais repugnantes e odiosos, porque se supõe que, quem os executa, sabe o alcance dêles. Pode perdoar-se uma falta, um êrro, e até um deslize; todavia, o crime consciente, êste não pode ter perdão.

Pérez Jiménez, ha de sofrer a mesma sorte que o agricultor dá às ervas daninhas do seu sítio. São os lôbos em constante espreitar da presa fácil e confiada.

A lição para os venezuelanos deve ter sido terrível. A êste povo, o vem cavalgando a ditadura há muitas décadas. Agora que soube afugentar o lôbo do seu covil, ha de saber, também, permanecer alerta, s[illegible] Alajveda, Costa Rica.

venido contra possíveis ataques traiçoeiros dos seus inimigos.

Refresquem o adágio poppular: "camarão que dorme..." — pois a vida não é simples brincadeira, sem transcendência alguma.

As leis do homem, ensinam-nos, aos que sofremos, tal como diz o Direito Romano, que, quem delinqüe, há de pagar. Os autores do genocídio e do assassínio frio e premeditado, sujos de coração e cérebro, cujos instintos bestiais degradam a estirpe, hão de sofrer as conseqüências que dos próprios atos se derivam.

Tôda condescendência para com êles, seria interpretada, com justa razão, como debilidade senil. Não se reclama, com isto, vinganças sádicas, mas, sòmente a aplicação de medidas cujo objetivo é a salubridade do corpo social.

Muitas vêzes (aí está a História para quem o queira comprovar, a cada instante) a indolência compassiva é a culpada, por inércia ou apatia, de que se reincida na instauração de regimens de fôrça. As democracias, se é certo que hão de freiar os instintos primitivos do homem, estão obrigadas a salvaguardar os interêsses humanos, e isto está acima de tudo.

A última ordem de Pérez Jiménez, que obrigava a carnificina da população civil de Caracas, por parte do exército de que êle cria ser sempre o chefe, constitui fulminante condenação.

Pérez Jiménez não pode alegar a imunidade e o respeito que se conferem a homens de Estado.

Um ladrão e assassino profissional, não pode escapar à justiça das viúvas, dos órfãos e dos que se tornaram incapazes, como resultado das sevícias da odiada "Seguridad Nacional" e da Polícia Militar perezjimenista.

Nota da Redação — Este interessante trabalho foi publicado em «El Sol», expressivo periodico independeste para médicos, que aparece em

PELA ORGANIZAÇÃO LIBERTÁRIA

Grupo Anarquista José Oiticica

Vários companheiros integrantes do movimento libertário do Rio de Janeiro, coincidentes em seus pontos-de-vista sôbre a propaganda libertária, depois da análise de diversas opiniões, resolvem constituir-se em grupo, ao qual assentam denominar: GRUPO ANARQUISTA JOSE' OITICICA.

BASES E OBJETIVOS

1.º — Divulgar pela tribuna, pela imprensa ou por outros meios ao seu alcance os fundamentos básicos da doutrina anarquista, tendo em mira mostrar aos trabalhadores e a todos quantos sentem a necessidade da transformação social, que só o anarquismo, cuja aspiração é instaurar uma sociedade de produtores livres, pode dar solução definitiva aos problemas humanos.

2.º — Incentivar a divulgação do jornal AÇÃO DIRETA, prestando-lhe apoio moral e econômico, por ser êste o único orgão anarquista publicado atualmente no Brasil e um dos poucos da América Latina, ao qual o sempre lembrado José Oiticica deu o melhor de suas energias e de sua inteligência, sem medir esforços nem sacrifícios.

3.º — Para dar maior efetividade à sua aportação econômica ao jornal AÇÃO DIRETA, e ao mesmo tempo facilitar os trabalhos de sua administração, o grupo se encarregará de recolher as contribuições destinadas ao jornal pelos seus componentes, as quais serão entregues ao administrador em nome do Grupo.

4.º — O Grupo manterá relações, quer no terreno cultural, quer no ideológico, com todos os organismos libertários existentes no Brasil e no exterior. Para êste fim acompanhará com o maior interêsse o movimento anarquista internacional, prestando ao mesmo tôda cooperação que lhe seja possível.

5.º — Editar, quanto possível, por sua conta ou em cooperação com outras agrupações congêneres, livros ou folhetos de propaganda. Propõe-se o Grupo a reunir todos os escritos do companheiro José Oiticica, publicados em jornais ou revistas ou ainda inéditos, escritos em que tratou dos problemas sociais, do anarquismo, sindicalismo e crítica social-literária.

6.º — O Grupo promoverá, entre os seus componentes, palestras e debates de mútuo-ensino e cultura, versando temas sôbre a doutrina anarquista, sociologia em geral, ciências, artes, filosofia, etc., podendo pedir o concurso de professores ou especialistas nos determinados assuntos.

7.º — Os recursos financeiros do Grupo serão constituidos por quotas permanentes, por donativos ou subscrições eventuais.

8.º — Tudo quanto nestes itens não se especifica será resolvido em reunião do Grupo, cujas decisões terão, na medida do possível, caráter de unanimidade.

Onde comprar AÇÃO DIRETA

Encontra-se à venda, no centro, nas seguintes bancas do Rio:

Na E. F. C. B. (na rampa de saída).

Em frente à Light.

Na Rua Marechal Floriano, esquina de Conceição.

Av. Rio Branco, esquina de Sete de Setembro.

Galeria Cruzeiro, esquina de Bittencourt da Silva.

Av. Rio Branco, esquina de Bittencourt da Silva.

Lapa (ponto de bondes).

Uruguaiana, esquina de Alfândega.

Largo de São Francisco, esquina de Andradas.

Praça Tiradentes, esquina de Carioca.

Av. G. Vargas, esquina de Uruguaiana.

Av. Almirante Barroso, esquina de 13 de Maio.

R. Araujo Pôrto Alegre, esquina de R. do México.

MATÉRIA ADIADA

Somos obrigados, à ultima hora, a adiar para o próximo número a nota relativa às contribuições para o jornal, além de várias notas e o retrato de Antônio Trigo.

unesp Cedap Centro de Documentação e Apoio à Pesquisa Faculdade de Ciências e Letras de Assis